

**Editora Zahar**  
14/10/2009  
Revista Carta Capital - SP

**Tópico:** Institucional  
**Impacto:** Positivo  
**Editoria:** Plural

**Cm/Col:** 1269  
**Pg:** 4, 102 - 104

**102 | ADEUS, LENIN**  
Jornalista mostra  
o real motivador  
da queda do Muro

# Adeus, Lenin

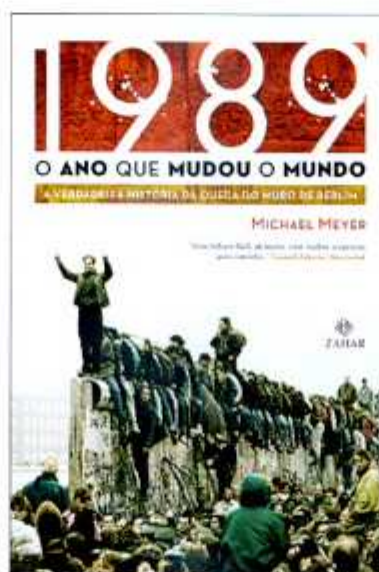
**HISTÓRIA** | O jornalista Michael Meyer mostra que não foi o interesse pelo livre mercado à moda americana o motivador da queda do Muro de Berlim

POR ELIAS THOMÉ SALIBA

**H**Á VINTE ANOS O Muro de Berlim não foi “aberto”, ele realmente “caiu”. Num clima de fortes pressões, fomentado pelo êxodo crescente dos alemães orientais pela fronteira aberta na Hungria, o chefe do Partido Comunista, Egon Krenz, resolveu apresentar a medida que abriria oficialmente as fronteiras. Após uma discussão confusa e desconexa, o Comitê Central do Partido aprovou o plano, na tarde de 9 de novembro de 1989. A medida entraria em vigor “de hoje em diante” (*ab sofort*) à maneira germânica, ordenada e disciplinada, com o Partido capitalizando a decisão como trunfo político. Deveria soar inclusive como um antecipado presente de Natal aos alemães e seria divulgada a eles no dia seguinte.

No fim da tarde do dia 9, contudo, Krenz não explicou nada disso a seu porta-voz recém-chegado de férias, Gunter Schabowski, que, às insistentes perguntas dos jornalistas durante a entrevista coletiva sobre “quando exatamente a medida iria vigorar”, examinou mais uma vez os papéis e repetiu o que lá já estava escrito: “*Sofort*”. Dita ao vivo, com a presença da televisão, a palavra atravessou o país como um relâmpago.

**Foi um equívoco** que mudou tudo. Duas horas depois, havia uma multidão perto do posto de controle Charlie, a famosa travessia de fronteira no coração de Berlim, gritando a palavra de ordem *sofort*. No lado ocidental, a multidão também comparecia clamando “Venham! Ve-



**Os regimes da Europa Oriental já estavam podres. O empurrão para derrubá-los veio de seu interior**

**Testemunha ocular.** Meyer era correspondente da Newsweek na Alemanha em 1989.

nham!” Telefonemas urgentes dos postos de controle ao Ministério do Interior não recebiam nenhuma resposta e os boatos prosperavam. O fato é que, às 23 horas, um chefe de posto deu de ombros e ordenou: “Abram tudo”. E a multidão avançou, passando para outro lado e iniciando a derrubada do maior símbolo da Guerra Fria. É claro que, provavelmente, mais tarde, o Muro teria caído de qualquer forma. Mas a “mancada” de Schabowski significou, para a queda do Muro, seu “nariz de Cleópatra”, uma expressão que os historiadores usam para designar a possibilidade de, a qualquer momento, os eventos tomarem um rumo completamente diferente do imaginado.

Entre muitas, esta é uma das principais revelações de Michael Meyer em *1989: O ano que mudou o mundo* (Zahar, 248 págs., R\$ 38), uma narrativa emocionante dos



©VH/S&amp;WD/NOT

eventos transcorridos no Leste Europeu durante aquele ano decisivo para a história mundial. Correspondente da revista semanal norte-americana *Newsweek* na Alemanha Oriental, Meyer testemunhou todos os acontecimentos efervescentes de vinte anos atrás, mantendo contato direto com os principais protagonistas e líderes políticos, tais como Miklós Nemeth, da Hungria, Lech Walesa, da Polônia, e Václav Havel, da Tchecoslováquia, além de ser um dos últimos jornalistas a entrevistar, pouco antes de sua execução, o ditador Nicolae Ceausescu, da Romênia. Sempre colado aos ventos e aos dramas de personagens e hábil em misturar relato jornalístico e análises cuidadosas e distanciadas, Meyer produziu um dos melhores livros sobre o assunto.

Michael Meyer sabe que, na maioria

das vezes, escrevemos e pensamos a história como se ela fosse de algum modo inevitável, um clímax de grandes forças e estruturas que só podem levar aonde elas acabam levando. É uma visão tectônica da história, movida pela interação de forças gigantescas e inmensuráveis. Há toda uma mitologia triunfalista, criada em torno do evento catalisador que foi a queda do Muro, segundo a qual o fim do comunismo estava determinado por seus próprios defeitos. Sobre esse fim, o poderio militar americano ainda teria exercido um constrangimento fortemente persuasivo.

O mito que os americanos espalharam em 1989 – “confronte, que eles cairão” – tinha pouca relação, contudo, com o modo pelo qual a Guerra Fria acabou de fato. A crença começou com o famoso discurso de Reagan em Berlim, em junho

de 1987 (“Senhor Gorbachev, derrube este Muro!”) e ganhou força com a posterior publicação das memórias do economista e articulador político George Pratt Shultz, que descreve o cada vez mais resplandecente poder americano à medida que os regimes comunistas vão caindo como pinos de boliche.

**Mais do que argumentos,** Michael Meyer alinhava eventos para mostrar que a história das revoluções na Europa Oriental não foi escrita em Washington e pouca ligação teve com o poderio militar americano. Os regimes da Europa Oriental estavam realmente podres em seu cerne e o sistema econômico soviético, em colapso. Mas o empurrão para derrubá-los veio mais de dentro do que de fora. Depois que o presidente Mikhail Gorbachev levantou a pressão de contenção



RAJNER KLÖSTERBERGER/AP

cano inspirado no “mercado livre” só foi objeto de adoração muito ocasional pelas multidões de 1989. Para a maioria das pessoas que tinham vivido sob o comunismo (alguns depoimentos preciosos aparecem no livro), a libertação não significava de modo algum um desejo pela competição econômica sem entraves, muito menos a perda de serviços sociais grátis, emprego garantido, baixo custo de vida ou quaisquer outros dos benefícios associados ao comunismo. A “Europa” foi um talismã ideológico bem mais forte do que quaisquer “ismos”.

**Um dos atrativos desse** talismã “Europa”, tal como imaginado pelas alegres multidões do Leste, era o de oferecer a perspectiva combinada de riqueza, segurança pessoal e proteção. Seria possível, de certa maneira, não apenas partilhar de uma espécie de “bolo socialista” como também comê-lo em liberdade. E cada um dos países-satélites do Leste Europeu seguiu seus próprios caminhos, sem nenhuma rigidez doutrinária. Até Gerasimov, um porta-voz soviético da época, chegou a brincar com esse assunto, dizendo que cada país seguiu uma única doutrina política – a de Frank Sinatra, que tornou mundialmente conhecida a canção *My Way*, de Paul Anka.

Aliás, em 1989, até o humor coletivo começou a dar sinais de mudança, com a circulação de grande número de piadas. Em Berlim Oriental, elas visavam sobretudo à Stasi, a famosa e truculenta polícia que agia para manter a ordem no país. Numa missão de vigilância, dois agentes ficam entediados. O primeiro pergunta: “Em que você está pensando?” Responde o outro: “Nada de especial, o mesmo que você”. E o primeiro diz: “Neste caso, você está preso”. Conta-se ainda que a população berlinense fazia graça até com a escassez de alimentos, perguntando às crianças: “Você sabe usar uma banana como bússola?” E a resposta vinha: “É só colocá-la no alto do Muro de Berlim. O Leste fica sempre do lado em que a banana for mordida”. Assim, bem antes da queda do Muro e da “mancada” do porta-voz Gunter Schabowski, todos riam – mas riam de quê? Riam das trapalhadas dos governos e dos tristes destinos que as forças da história lhes reservavam. Mas riam também de si mesmos. Sinal daquela difusa grandeza – inerente à humanidade das pessoas –, mas também essencial para enfrentar os novos tempos. ●

do sistema soviético, os regimes essencialmente implodiram. Meyer caracteriza Gorbachev como “o demiurgo geopolítico, a causa primeira que pôs todo o resto em movimento”. Mas também realça o papel de líderes políticos que tomaram decisões essenciais, como Nemeth, Havel ou Walesa. E adiciona o nariz de Cleópatra no qual constrói a sua trepidante narrativa, mostrando o quanto as multidões anônimas exerceram um papel decisivo nos eventos de 1989.

**Nos melhores momentos** de 1989: O ano que mudou o mundo, essas multidões se transformam em protagonistas do imponderável. Lá estão elas na Polônia, fazendo a revolução pelas urnas nas eleições democráticas. Em Praga, apupam o êxodo dos alemães que abandonam seus carros Trabant (motor de dois tempos) nas fronteiras. Na Hungria, durante a abertura das cercas de arame farpado com a Áustria, aplaudem dissidentes ou dançam ao som de Elvis Presley, que canta *Blue Suede Shoes*, música de Carl Perkins, no incrível Piquenique Pan-Europeu. As multidões só estariam significativamente recolhidas ao medo e ao silêncio na Romênia de Nicolae Ceausescu.

O pitoresco relato de Meyer mostra ainda que o conhecido modelo ameri-

### **Dita ao vivo, na hora errada, uma palavra precipitou a eliminação da linha entre as duas Alemanhas**

**Sofort!** Schabowski, porta-voz do PC que em 1989 “derruba” o Muro de Berlim “imediatamente”